SEDE E LIBERDADE

CONTOS



RACHEL CUSK

Liberdade e *Sede* de Rachel Cusk
Copyright © 2022 BiblioTechie
Todos os direitos reservados
Textos disponibilizados originalmente no aplicativo BiblioTechie
Transcritos aqui por Troye através de prints

Índice

Liberdade
Sede

Liberdade

(Título original: *Freedom*)
Tradução de Roberto Lent

O texto Liberdade, de Rachel Cusk, foi publicado na revista The Paris Review em 2016. Nele, Cusk explora a difícil tarefa de alcançar a independência, tanto do ponto de vista de quem já a tem como de quem não a tem.

Perguntei a Dale se ele poderia tentar cobrir o cabelo grisalho.

Estava escurecendo lá fora, e a chuva contra as grandes janelas do salão parecia tinta escorrendo por uma página. O tráfego arrastava-se ao longo da estrada escura, mais além. Todos os carros tinham os faróis acesos. Dale estava parado atrás de mim no espelho, levantando punhados longos e secos de cabelo e depois os deixando cair. Seus olhos varriam minha imagem com uma expressão devoradora. Ele tinha uma expressão solene, e eu o observava através do espelho.

“Não há nada de errado com alguns brilhos”, disse ele em tom de censura.

A outra cabeleireira, que estava atrás de uma cliente na cadeira ao lado, desceu suas compridas pálpebras sonolentas e sorriu.

“Eu faço no meu”, disse ela. “Muitas pessoas fazem.”

“Estamos falando de comprometimento aqui”, disse Dale. “Você tem que voltar a cada seis semanas. Essa é uma sentença de prisão perpétua”, ele acrescentou sombriamente, seus olhos encontrando os meus no espelho. “Só estou dizendo que você precisa ter certeza.”

A outra cabeleireira me olhou de lado com seu sorriso de esfinge.

“Muitas pessoas não acham isso um problema”, disse ela. “Suas vidas são dominadas por compromissos, de qualquer maneira. Pelo menos se isso te faz se sentir bem, já é alguma coisa.”

Dale perguntou se meu cabelo já havia sido tingido antes. A tinta pode se acumular, aparentemente, e o cabelo se torna artificial e sem brilho. Era o acúmulo, e não a própria cor, que resultava em uma aparência não natural. As pessoas compravam caixas e mais caixas desses kits de tingimento caseiros em busca de um tom natural, e tudo o que faziam era deixar o cabelo cada vez mais parecido com uma peruca emaranhada. Mas isso era aparentemente preferível a um toque natural de branco. Na verdade, no que dizia respeito ao cabelo, disse Dale, o falso geralmente parecia ser mais real do que o real: desde que o que eles vissem no espelho não fosse produto da natureza, não parecia importar para a maioria das pessoas se o cabelo deles parecia o de um manequim na vitrine de uma loja. Embora ele tivesse uma cliente, uma senhora mais velha, que usava o cabelo grisalho solto até a cintura. Como a barba de um ancião, seu cabelo parecia a Dale ser sua sabedoria: ela se portava como uma rainha, disse ele, transmitindo poder através daquela cabeleira cinza. Ele ergueu meu cabelo novamente em suas mãos, segurando-o no alto e depois deixando-o cair, enquanto nos olhávamos no espelho.

“Estamos falando sobre sua autoridade natural”, disse Dale.

A mulher na cadeira ao lado estava lendo a revista Glamour com um rosto inexpressivo, enquanto os dedos da outra cabeleireira trabalhavam em sua cabeça ornada de maneira complexa, pintando cada mecha de cabelo e dobrando-a em um envelope de papel alumínio. A cabeleireira era diligente e cuidadosa, embora sua cliente nem uma vez erguesse os olhos.

O salão era um aposento alto, branco e brilhantemente iluminado, com piso de tábuas pintadas de branco e móveis barrocos estofados de veludo. Os espelhos altos tinham molduras pintadas de branco elaboradamente entalhadas. A luz vinha de três grandes lustres ramificados que pendiam do teto e eram duplicados em um reflexo deslumbrante em todos os espelhos pelas paredes. Ele ficava em uma viela de lojas baratas, fast-food e casas de ferragens. As grandes janelas de vidro da frente do salão às vezes balançavam quando um veículo pesado passava do lado de fora.

No espelho, a expressão de Dale demonstrava firmeza. Seu próprio cabelo era um conjunto sofisticado de cachos escuros manchados por mechas grisalhas. Ele estava na casa dos quarenta e poucos anos, era alto e magro e tinha o porte elegante e ereto de um dançarino. Ele usava uma camisa escura justa que sugeria uma barriguinha redonda acima de seus quadris magros.

“Não vai enganar ninguém, como você sabe”, disse ele. “Apenas torna óbvio que você tem algo a esconder.”

Eu disse que parecia preferível a ter em exibição pública aquilo que você desejava manter escondido.

“Por quê?”, disse Dale. “O que há de tão terrível em se parecer com o que você é?”

Eu não sabia, eu disse, mas obviamente era algo que muita gente temia.

“Você que está me dizendo”, disse Dale sombriamente. “Muitas pessoas”, ele continuou, “dizem que é porque o que veem no espelho não se parece com elas. Eu pergunto a eles, por que não? Eu digo a elas, o que você precisa não é de uma tintura, é uma mudança de atitude. Acho que é a pressão”, disse Dale. “O que as pessoas têm medo”, disse ele, levantando a parte de trás do meu cabelo para olhar por baixo, “é de não serem desejadas.”

No outro extremo da sala, a grande porta de vidro se abriu e um menino de doze ou treze anos saiu da escuridão. Ele deixou a porta entreaberta e o ar frio e úmido e o barulho do tráfego entraram em grandes rajadas no salão aquecido e iluminado.

“Você pode fechar a porta, por favor?” Dale chamou com uma voz rabugenta.

O menino ficou imóvel, com uma expressão de pânico no rosto. Ele não usava casaco, apenas uma camisa escolar cinza e calças. Sua camisa e cabelo estavam molhados da chuva. Alguns segundos depois, uma mulher entrou atrás dele pela porta aberta e fechou-a com cuidado. Era muito alta e ereta, com um rosto grande e angular e cabelos cor de

mogno cuidadosamente cortados em um corte que caía exatamente na linha quadrada de sua mandíbula. Ao vê-la, o menino ergueu a mão para colocar seu próprio cabelo de lado na testa. A mulher ficou parada por um momento, seus olhos grandes se movendo ao redor da sala, e então ela disse ao menino:

“Vá em frente então. Vá e diga a eles seu nome.”

O menino olhou para ela com uma expressão suplicante. Sua camisa estava desfeita na gola, e um pedaço de seu peito pálido e ossudo podia ser visto. Seus braços pendurados ao lado do corpo, as palmas das mãos abertas em protesto.

“Vá em frente”, disse ela.

Dale perguntou se eu estava pronto para lavar o cabelo; ele examinaria as tabelas de cores enquanto eu estava fora e veria se conseguia encontrar uma correspondência. Nada muito escuro, ele disse; estou pensando em mais marrons e vermelhos, algo mais claro. Mesmo que não seja o que você é naturalmente, ele disse, acho que você parecerá mais real assim. Ele gritou para a garota que estava varrendo o chão que havia um cliente pronto para descer. Ela automaticamente parou de varrer e encostou a vassoura na parede.

“Não deixe isso aí”, disse Dale. “Alguém pode tropeçar e se machucar.”

De novo automaticamente, ela se virou e, recuperando a vassoura, ficou ali segurando-a.

“No armário”, disse Dale, cansado. “Basta colocá-la no armário.”

Ela foi embora e voltou de mãos vazias, e depois veio ficar ao lado da minha cadeira. Eu me levantei e a segui descendo alguns degraus até a alcova quente e sem luz onde ficavam as pias. Ela prendeu uma capa de náilon em volta dos meus ombros e depois arrumou uma toalha na borda da pia para que eu pudesse me recostar.

“Está tudo certo?”, ela disse.

A água veio em spray, com passagens alternadas de quente e frio. Fechei os olhos, seguindo as sucessões e retornos, o deslocamento de uma temperatura por outra e então sua reintegração: eram tão diferentes uma da outra, mas cada uma ligeiramente desconfortável no mesmo grau. A garota esfregou xampu na minha cabeça com dedos hesitantes. Mais tarde, ela passou um pente pelo cabelo e eu esperei, como se esperasse que alguém resolvesse um problema matemático.

“Aí está”, disse ela finalmente, afastando-se da pia.

Agradeci e voltei para o salão, onde Dale estava misturando absorto uma pasta com um pequeno pincel em um prato de plástico rosa. O menino agora estava sentado na cadeira ao lado da minha, e a leitora da Glamour havia se retirado, com o cabelo ainda embrulhado em papel-alumínio, para o sofá perto da janela, onde continuava a virar as páginas sem expressão, uma após a outra. Ao lado dela estava sentada a mulher que havia entrado com o menino. Batia na tela do seu celular; um livro estava ao seu lado no assento. A outra cabeleireira estava apoiada com o cotovelo na mesa da recepção, uma xícara de café ao lado, conversando com a recepcionista.

“Sammy”, Dale gritou para ela, “seu cliente está esperando.”

Sammy trocou mais alguns comentários com a recepcionista e voltou vagarosamente para a cadeira.

“Então”, ela disse, colocando as mãos nos ombros do menino para que ele se encolhesse involuntariamente. “O que vai ser, então?”

“Você já teve a sensação”, disse Dale para mim, “de que se você não estivesse lá para fazer as coisas acontecerem, só daria cagada?”

Eu disse que me parecia que, com a mesma frequência, o inverso era verdadeiro: as pessoas podiam se tornar mais capazes quando a pessoa em quem confiavam para lhes dizer o que fazer não estava lá.

“Devo estar fazendo algo errado então”, respondeu Dale. “Este pessoal não poderia tomar banho sem minha ajuda.”

Ele pegou um grampo de prata de um conjunto e prendeu em uma

seção do meu cabelo. A tinta precisaria ficar por pelo menos meia hora, disse ele. Esperava que eu não tivesse pressa. Colocou um segundo grampo e isolou outra seção. Observei seu rosto no espelho enquanto trabalhava. Pegou um terceiro e o segurou entre os lábios enquanto separava uma mecha de cabelo da outra.

“Na verdade, não estou com nenhuma pressa em particular”, disse ele imediatamente. “Meu encontro para esta noite acabou de cancelar. Felizmente”, continuou, “ao que parece.”

Na cadeira ao lado, o menino estava sentado olhando com interesse para si mesmo no espelho.

“O que você gosta?”, perguntou Sammy. “Moicano? Bem curtinho?”

Ele deu uma espécie de contração dos ombros e desviou o olhar. Tinha um rosto macio e pálido, com um nariz longo e arredondado que lhe dava uma expressão ruminante. Um sorriso estranho e secreto estava sempre brincando em sua boca carnuda e rosada. Por fim, ele murmurou algo, tão baixinho que foi inaudível.

“O que é isso?”, indagou Sammy.

Ela abaixou a cabeça em sua direção, mas ele não conseguiu repetir.

“Por mais estranho que possa parecer”, Dale estava dizendo, “fiquei bastante aliviado. E esta e uma pessoa que eu realmente gosto. Ele fez uma pausa enquanto prendia uma mecha do cabelo com uma presilha. “Estou tendo essa sensação cada vez mais hoje em dia” – ele fez uma nova pausa para prender outra parte – “de que dá mais problemas do que vale a pena.”

O que era, eu perguntei a ele.

“Oh, não sei”, disse ele, “talvez seja apenas uma questão de idade. Eu apenas sinto que não estou nem aí.”

Houve um tempo, ele continuou, em que a perspectiva de passar uma noite sozinho o teria aterrorizado; na verdade, teria parecido tão

estranho, imenso e vazio, que ele teria ido a qualquer lugar e feito qualquer coisa para evitar. Mas agora ele descobriu que preferia estar sozinho.

“E se outras pessoas têm um problema com isso”, disse ele, “como eu digo, não vou me incomodar com elas.”

Observei sua figura escura no vidro, a meticulosidade de seus dedos rápidos, a concentração em seu rosto comprido e estreito. Atrás dele, a recepcionista se aproximava com um telefone na mão. Ela bateu em seu ombro e o estendeu para ele.

“Para você”, falou ela.

“Pede para deixar recado”, respondeu Dale. “Estou com um cliente.”

A recepcionista foi embora novamente e ele revirou os olhos.

“Eu sigo com a crença de que este é um trabalho criativo”, disse ele. “Mas estas coisas me fazem duvidar.”

Ele conhecia muitas pessoas criativas, continuou depois de um tempo. Era um tipo de pessoa com o qual ele se dava bem. Ele tinha um amigo em particular, um encanador, que fazia esculturas nas horas vagas. Essas esculturas foram construídas inteiramente com materiais que ele usava em seu trabalho como encanador: tubos, válvulas e lavadoras, ralos, coletores de lixo, etc. Ele possuía uma espécie de maçarico que usava para aquecer o metal e dobrá-lo em diferentes formas.

“Ele os fabrica em sua garagem”, disse Dale. “Ficam realmente incríveis. A questão é que ele só consegue fazer quando não está viajando.”

Pegou uma nova mecha de cabelo e começou a prender os grampos em volta dela.

Em quê, disse eu.

“Metanfetamina”, disse Dale. “O resto do tempo ele é um cara normal. Mas, como eu disse, em seu tempo livre ele se dopa de

metanfetamina e se tranca na garagem. Ele diz que às vezes vai acordar no chão da garagem pela manhã e tem uma coisa ao lado dele que ele fez e ele não tem lembrança alguma de ter feito. Ele não consegue se lembrar de nada. Deve ser muito estranho", continuava Dale, inserindo o último grampo com dedos em forma de pinça. "Como ver uma parte de você que é invisível."

Ele gostava de seus amigos – achava que poderia ter me dado a impressão errada antes –, embora conhecesse muitas pessoas que ainda agiam aos quarenta como eram aos vinte e cinco: na verdade, achava isso um pouco deprimente, o espetáculo de homens adultos festejando freneticamente, ainda enfiando coisas no nariz e girando como noivas em pistas de dança lotadas; pessoalmente, tinha coisas melhores para fazer.

Ele se endireitou e examinou seu trabalho no espelho, as pontas dos dedos descansando levemente em meus ombros.

"O problema é que esse tipo de vida – as festas, as drogas, ficar acordado a noite toda – é basicamente repetitivo. Não leva você a lugar nenhum e não se espera que leve, porque o que representa é a liberdade." Pegou o prato de plástico rosa e mexeu seu conteúdo com o pincel. "E para ficar livre", continuou, revestindo o pincel com a pasta marrom espessa, "você tem que rejeitar a mudança."

Perguntei o que ele queria dizer com isso, e ele ficou por um momento com os olhos fixos nos meus através do espelho, o pincel suspenso no ar. Então desviou o olhar novamente, pegando uma mecha de cabelo e aplicando a pasta com movimentos cuidadosos.

"Bem, é verdade, não é", disse ele de maneira um tanto petulante.

Eu disse que não tinha certeza: quando as pessoas se libertavam, geralmente impunham mudanças em todos os outros. Mas isso não significava necessariamente que ficar livre era permanecer o mesmo. Na verdade, a primeira coisa que as pessoas às vezes faziam com sua liberdade era encontrar outra versão daquilo que as havia aprisionado. Não mudar, em outras palavras, havia roubado delas aquilo que elas haviam se esforçado tanto para conseguir.

“É um pouco como uma porta giratória”, respondeu Dale. “Você não está dentro e você não está fora. Você pode ficar nela dando voltas e mais voltas pelo tempo que quiser e, enquanto estiver ali pode se dizer livre.” Colocou de lado a mecha de cabelo pintada e começou a tingir mais uma. “Tudo o que estou dizendo é que a liberdade é superestimada.”

Ao lado de nós, Sammy corria os dedos pelo cabelo escuro e rebelde do menino, sentindo sua textura e comprimento, enquanto o olhar dele se desviava para o lado, alarmado. Suas mãos agarravam os braços cromados da cadeira. Ela puxou o cabelo primeiro para um lado, depois para o outro, olhando-o atentamente no espelho; depois pegou o pente e fez uma bela divisão ao meio. O menino exibiu imediatamente uma expressão de ansiedade e Sammy riu.

“Vou deixar assim, certo?”, ela disse. “Não entre em pânico, estou só pegando no seu pé. E apenas para que eu possa obter o mesmo comprimento em ambos os lados. Você não quer andar com seu cabelo todo desalinhado, quer?”

O menino desviou o olhar novamente, em silêncio.

“Como é que se diz”, disse Dale, “quando você tem um daqueles flashes perceptivos incríveis e brilhantes que mudam a maneira como você vê as coisas?”

Eu disse que não tinha certeza: algumas palavras diferentes surgiram na minha mente.

Dale mexeu o pincel com irritação.

“Tem a ver com uma estrada”, disse ele.

Estrada para Damasco, eu disse.

“Eu tive um momento ‘caminho para Damasco’”, disse ele. “Neste último dia de Ano Novo, imagine só. Eu odeio o réveillon. Aliás, isso fez parte do insight, perceber que eu odiava o réveillon.”

Um grupo de amigos esteve em seu apartamento, contou ele.

Estavam se preparando para sair, e ele começou a pensar no fato de que odiava aquilo e a pensar que todo mundo provavelmente odiava também, mas que ninguém estava pronto para admitir. Quando todos vestiram os casacos, ele anunciou que decidira ficar em casa.

“De repente, eu não ligava mais para aquilo”, disse ele.

Por que não, eu disse.

Por um longo tempo ele não respondeu, pintando os fios de cabelo um após o outro, até que eu pensei que ele não tinha ouvido minha pergunta ou estava optando por ignorá-la.

“Eu estava sentado no meu sofá”, falou enfim, “e aconteceu de repente”.

Ele mexeu o pincel no prato, novamente cobrindo cada lado das cerdas de tinta marrom com cuidado.

“Foi esse cara”, continuou ele. “Eu realmente não o conhecia. Ele estava sentado lá batendo umas carreiras que havia arrumado cuidadosamente para si mesmo na mesa de centro. De repente, senti muita pena dele. Não sei bem o que rolou com ele. Era totalmente areca, pobre coitado.”

Soltou uma nova mecha e começou a pintá-la. Observei a maneira como ele distribuiu a pasta por toda a sua extensão em movimentos regulares. Começou pela raiz, mas tornou-se mais meticuloso à medida que se afastava do começo, como se tivesse aprendido a resistir à tentação de concentrar seu trabalho lá no início.

“Ele tinha um rostinho engraçado e rechonchudo”, disse Dale, fazendo uma pausa com o pincel no ar. “Deve ter sido a combinação da calvície e da cara engraçada que me impactou. Eu pensei, aquele cara parece um bebê. O que um bebê está fazendo sentado no meu sofá enfiando cocaína no nariz? E depois que comecei a ver dessa forma, não consegui mais parar. De repente, todos eles começaram a parecer assim. Foi um pouco como estar doidão de ácido”. Completou, mergulhando o pincel novamente no prato: “Se é que eu realmente consigo me lembrar de quando tomei ácido.”

Sammy começou a cortar o cabelo do menino com uma tesoura.

“De que tipo de coisas você gosta?”, ela perguntou a ele.

Ele deu de ombros, o sorriso secreto em seus lábios.

“Futebol americano?”, indagou. “Ou o... como é o nome? Xbox! Todos vocês, meninos, gostam desse negócio, não é? Você joga Xbox com seus amigos?”

O menino encolheu os ombros outra vez.

Todos obviamente pensavam que ele estava louco, continuou Dale, por ficar em casa enquanto todos iam para a discoteca. Teve que fingir que estava doente. Numa outra época, teria ficado apavorado com a perspectiva de passar a véspera de Ano Novo sozinho, mas agora ele parecia não conseguir se livrar deles rápido o suficiente. De repente sentiu que tinha enxergado algo através daquela cena, através de todos eles. O que ele percebeu em seu “momento damasceno” foi que as pessoas em sua sala de estar – incluindo ele mesmo – não eram adultos: eram crianças em corpos que haviam crescidos demais.

“E não quero”, disse ele, “parecer condescendente quando digo isso.”

“Minha garotinha tem mais ou menos a sua idade”, estava dizendo Sammy para o menino na cadeira ao lado. “Você tem o quê, onze, doze?”

O menino não respondeu.

“Você parece ter a mesma idade que ela”, insistiu. “Com ela e suas amigas é tudo sobre maquiagem e meninos agora. Você acha que elas são novas para começar com essas coisas, não é? Mas você não pode detê-las. O problema com as meninas”, continuou, “é que elas não têm tantos hobbies quanto os meninos. Elas não têm tantas coisas para fazer. Ficam sentadas conversando enquanto os meninos estão jogando futebol. Você não acreditaria como os relacionamentos delas já são complicados. A culpa é de toda aquela falação: se estivessem do lado de fora brincando e correndo, não teriam tempo para tanta politicagem.”

Contornou a cadeira dele, ainda dando tesouradas. “As meninas podem ser bastante desagradáveis, não é?”

O menino olhou para a mulher com quem entrara. Havia desligado o telefone e agora lia o livro.

“Aquela é sua mãe?”, perguntou a cabelereira.

O menino acenou com a cabeça.

“Ela deve achar você quieto”, disse Sammy. “Minha filha nunca para de falar. Você pode manter sua cabeça parada, por favor?”, acrescentou, parando a tesoura no ar. “Não consigo cortar se você continuar mexendo a cabeça. Não”, continuou, “ela nunca para de falar, minha filha. Fica tagarelando o dia todo, de manhã até a noite, no telefone com os amigos.”

Enquanto ela falava, o menino movia os olhos para cima e para baixo e de um lado para o outro, enquanto sua cabeça permanecia imóvel, como se estivesse fazendo um exame de vista.

“Nessa idade tudo se resume aos amigos, não é?”, indagou Sammy.

Já estava completamente escuro lá fora. Dentro do salão, todas as luzes estavam acesas. Havia música tocando e o zumbido do tráfego que passava podia ser ouvido da rua. Havia um grande conjunto de prateleiras de vidro contra uma parede onde produtos para o cabelo estavam à venda em fileiras imaculadas, e quando um caminhão passava muito perto lá fora, as prateleiras estremeciam ligeiramente e os potes e garrafas chacoalhavam no lugar. A sala tornou-se uma câmara de superfícies reflexivas, enquanto o mundo exterior tornou-se opaco. Para onde quer que você olhasse, havia apenas o reflexo do que já estava lá. Frequentemente, eu passava pelo salão escuro e olhava pelas janelas. Da escuridão da rua, era quase como um teatro, com os personagens se movendo sob a forte luz do palco.

Depois desse episódio, disse Dale, ele teve um período em que cada vez que via alguém que conhecia ou falava com alguém – e cada vez mais também acontecia com pessoas que ele não conhecia, com clientes ou estranhos na rua – ele era literalmente atormentado por essa

sensação de que eles eram como crianças em corpos de adultos. Ele via isso em seus gestos e maneirismos, em sua competitividade, sua ansiedade, sua raiva e alegria, acima de tudo em suas necessidades, tanto físicas quanto emocionais: até mesmo as pessoas que ele conhecia que estavam em parcerias estáveis – relacionamentos que um dia ele invejou pelo companheirismo e intimidade – agora pareciam para ele nada mais do que melhores amigos no parquinho. Durante semanas, ele andou em uma espécie de névoa de piedade pela raça humana, "como um cara da Idade Média vagando vestido de saco e tocando um sino." Foi bastante incapacitante. Continuou: alguns dias ele realmente se sentia fisicamente fraco e mal conseguia se arrastar para o salão. As pessoas presumiam que ele estava deprimido "e talvez eu estivesse", disse Dale, "mas eu sabia que estava fazendo algo que precisava fazer, estava indo para algum lugar e não voltaria ainda que aquilo me matasse." No final, ele se sentiu vazio, no sentido de minimalismo, como se tivesse experimentado uma enorme faxina mental. Pensando naquela véspera de Ano Novo, o que ele sentiu foi que havia algo enorme na sala que todos fingiam não estar ali.

Eu perguntei o que era.

Ele estava agachado atrás de mim agora, pintando o cabelo na parte de trás, então eu não podia ver seu rosto. Depois de um tempo ele se levantou, reaparecendo no espelho com o prato de plástico em uma mão e o pincel na outra.

"Medo", disse ele. "E pensei: não vou fugir do medo. Vou ficar aqui até que ele se vá." Avaliou o cabelo pintado por todos os lados, como um artista examinando uma tela acabada. "Não deve demorar muito agora", acrescentou. "Vamos deixar descansando para que seque um pouquinho."

Dale só tinha que dar uma saída para fazer uma ligação rápida, se eu desse licença. O sobrinho estava hospedado na sua casa; precisava informá-lo de que seus planos para aquela noite haviam mudado e que ele estaria em casa.

"Se eu tiver sorte", disse, "ele pode até ter se animado a cozinhar alguma coisa."

Eu perguntei de onde seu sobrinho era, e ele disse Escócia.

“E não um dos lugares bacanas”, disse ele. “Por alguma razão, minha irmã insiste em morar no cu do mundo.” Tinha estado lá uma ou duas vezes para visitá-la, e só haviam se passado 48 horas até que ele considerasse seriamente conversar com as ovelhas.

O sobrinho era um sujeito engraçado. Dale disse: todo mundo tinha concluído que ele era autista ou tinha Asperger ou o que quer que as pessoas chamem você hoje em dia quando você não é como todo mundo. Ele havia abandonado a escola sem se formar: quando Dale foi visitá-lo, ele estava desempregado e ficava sentado jogando pedras morro abaixo na pedreira para se divertir.

“Ele mudou um pouco desde então, felizmente. Na outra noite, ele até me perguntou se eu tinha usado ervas frescas no molho de macarrão, ou ‘apenas’ – Dale fez as aspas com os dedos – “as secas.”

Perguntei como o menino acabou vindo para Londres, e Dale disse que foi depois de uma conversa que teve com sua irmã. Ela disse que o menino tinha começado a dizer coisas que a estavam assustando, que ele sentia que estava vivendo no corpo errado ou na pessoa errada ou algo assim.

“Imagine só, ele não fala uma palavra durante meses”, disse Dale, “e de repente diz isso. Ela não sabia o que fazer. Me perguntou o que eu achava que isso significava.” Ele encolheu os ombros. “Sou cabeleireiro”, disse ele, “não sou psicólogo.” Pegou alguns fios perdidos na minha cabeça. “Mas claro que eu tinha um palpite. Disse a ele que se ele conseguisse fazer uma mala e pegar um trem, ele poderia ficar comigo em Londres. Eu disse a ele: ‘não estou em busca de companhia: gosto da minha vida do jeito que está. Tenho um bom apartamento e um bom negócio e quero mantê-los desse jeito. Você teria que fazer a sua parte’, eu disse, ‘e não vou abrigar ninguém que não trabalhe, porque não sou uma maldita instituição de caridade. Mas você teria sua liberdade’, eu disse, ‘e Londres é um lugar grande. Se você não encontrar o que procura aqui, não o encontrará em lugar nenhum.’ E uma semana depois", continuou Dale, “a campainha toca e lá está ele.”

Ele não ficou totalmente surpreso. Admitiu: sua irmã o avisara dois dias antes, “apenas para que eu tivesse tempo de esconder qualquer coisa que ela não aprovasse.” E durante aqueles dois dias, ele começou a ter algumas dúvidas. Vagou pelos cômodos do seu apartamento, notando sua limpeza e ordem; saboreou a paz do lugar, sua liberdade de ir e vir quando quisesse, de voltar para casa depois do trabalho e encontrar tudo como havia deixado. “A ideia”, prosseguiu, “de ter alguém sempre lá, alguém com quem eu tivesse que conversar e ajudar a arrumar as coisas, alguém por quem eu basicamente seria responsável, porque aos dezesseis você ainda é uma criança e este sujeito em especial nunca saíra de sua minúscula aldeia escocesa em toda vida: bem, você me entende”, disse. “Eu pensei, devo estar ficando louco, desistindo de tudo isso.”

Perguntei se algum desses medos havia se concretizado e ele ficou em silêncio por um momento. Observei-o no espelho, com os braços cruzados sobre o estômago, onde a leve pança se destacava em seu corpo esguio de lobo.

Obviamente, no início, disse ele, eles tiveram algumas dificuldades. Ele teve que ensinar o sobrinho a fazer as coisas do jeito que ele gostava, e ninguém aprende instantaneamente: ele sabia disso melhor que ninguém, por treinar os novatos no salão. Você precisa de tempo, disse, tempo e consistência. Mas já haviam se passado dois meses e eles se davam muito bem. O menino havia encontrado trabalho como estagiário de mecânico; ele já tinha alguma vida social e até saía para baladas com Dale de vez em quando.

“Nos raros momentos em que acho que vale a pena largar o cachimbo e os chinelos”, disse Dale, “e me arrastar porta afora. A vida compartilhada”, continuou ele, “nunca será a mesma coisa que estar sozinho. Você perde algo e não tenho certeza se vai receber de volta. Um dia ele irá embora e me ocorreu que provavelmente sentirei sua falta; que o lugar poderá parecer vazio quando antes parecia completo. Eu provavelmente abri mão de mais do que eu esperava. Mas você não pode impedir as pessoas de entrarem”, concluiu, “e não pode perguntar o que ganha com isso, quando ocorrer.”

Ele foi até a recepção para pegar seu telefone e olhei para o garoto sentado na cadeira ao meu lado, cujo cabelo escuro e rebelde agora estava cortado curto. Ele lançava olhares ansiosos para a mãe que permanecia totalmente concentrada em seu livro.

“Está ficando ótimo”, disse Sammy para mim. “Você vai a algum lugar especial esta noite?”

Eu disse que não, embora tivesse de ir a algum lugar na noite seguinte.

“Fica bom por dois ou três dias se ele aplicar corretamente”, disse ela. “Você vai ficar bem. Agora”, voltou-se para o menino, “vamos dar uma olhada em você.”

Colocou as mãos nos ombros dele e o encarou no espelho.

“O que você acha?”, perguntou.

Não houve resposta.

“Vamos lá”, insistiu, “o que você tem a dizer?”

Vi a mãe do menino erguendo os olhos do livro.

“Olha só”, disse Sammy. “Temos um homem cheio de segredos aqui.”

Os nós dos dedos do menino estavam brancos onde agarravam os apoios dos braços da cadeira. Seu rosto alvo estava pálido e tenso. Sammy retirou as mãos dos ombros do menino e em um segundo ele estava de pé, rasgando a túnica de náilon que cobria seus ombros.

“Vá com calma!”, espantou-se Sammy, recuando com as palmas das mãos levantadas. “Há equipamentos caros aqui, né.”

Com movimentos estranhos e acelerados, o menino se afastou da cadeira em direção à grande porta de vidro. Sua mãe se levantou, o livro ainda em sua mão, e observou enquanto ele abria a porta e revelava a rua escura e chuvosa com seu tráfego barulhento. Ele puxou a maçaneta com tanta força que a porta continuou a girar nas dobradiças depois que

ele a soltou. Girou mais e mais, até que finalmente colidiu com violência contra as prateleiras de vidro onde os produtos para o cabelo estavam dispostos em fileiras organizadas. O menino parou como se congelado no vão da porta aberta, seu rosto pálido iluminado, seu cabelo como se estivesse arrepiado, e observou enquanto as prateleiras despejavam uma avalanche de frascos e potes, que caíram e rolaram com um grande estrondo pelo piso do salão, e logo depois as próprias prateleiras despencaram numa tremenda cascata de vidro quebrado.

Houve um momento de silêncio em que todos ficaram absolutamente imóveis, Dale com o telefone na mão, Sammy segurando a túnica descartada do menino, a mãe com o livro entre os dedos crispados; até a mulher que lia a Glamour finalmente levantou os olhos da revista.

“Puta que me pariu”, disse Sammy.

O menino saiu em disparada pela porta e desapareceu na rua escura e úmida. Por alguns instantes, sua mãe permaneceu onde estava, em meio ao tapete cintilante de garrafas e vidros quebrados. Ela exibia uma expressão de pétrea dignidade. Olhou para Sammy sem piscar os olhos. Então, pegou a bolsa, colocou cuidadosamente o livro nela e saiu atrás do filho, deixando para trás a porta aberta.

Sede

(Título original: *Thirst*)
Tradução de Julia Romeu

O conto Sede, de Rachel Cusk, narra uma viagem entre mãe e filha a Veneza. A viagem, no entanto, é apenas uma desculpa para a autora debater as nuances dos sentimentos entre as duas: culpas, rejeições, carinho. O texto foi publicado na coletânea dos melhores contos do Prêmio Literário Asham de 2007.

Ao chegar em Veneza, as Gibson – mãe e filha – foram inexplicavelmente surpreendidas pela onipresença da água. Julia Gibson se preocupara demais com as questões práticas da viagem; já sua filha Charlotte se preocupara de menos. Era mais ou menos moda, no círculo de amigos das Gibson, que a mãe fizesse uma viagem curta sozinha com a criança mais velha, particularmente se fosse uma filha mulher e tivesse chegado à puberdade – como se todos concordassem que, em cada família, essas duas pessoas demandassem consideração e privilégios especiais, não estava claro se para serem apaziguadas ou para serem recompensadas. Julia e Charlotte iam passar três dias fora, o que parecia vagamente ser o número adequado para realizar tanto uma coisa quanto a outra. Talvez tenha sido esse ar de importância diplomática que fez as características de seu destino ficar indistintas em suas mentes, como acontecia com homens de negócio e políticos que dizia-se, ziguezagueavam pelo mundo sem saber direito onde estavam. Elas poderiam estar a caminho de qualquer lugar: o próprio avião, por exemplo, parecia ao mesmo tempo suficientemente neutro e estranho para seus propósitos incertos. Já fazia algum tempo que Julia Gibson não pedia nada ao mundo: em geral, ela nem se lembrava de que o mundo existia. Enquanto estava ali, sentada e com o cinto de segurança afivelado naquela parábola seca e azul do paraíso, não lhe pareceu ser uma exigência grande demais escolher descer nele. Aqui e ali, o céu estava riscado de branco: vestígios secretos de outras aeronaves, que lhe davam um aspecto usado e de certa forma desonroso, como se as

marcas fossem uma prova de todo um subterfúgio de negócios e lazer que seguia adiante, indiferente ao drama lá embaixo.

Quando elas estavam no aeroporto, descobriram que tinham de entrar num barco, e foi ali, subindo e descendo vigorosamente nas águas agitadas, com os rostos vermelhos após esperar meia hora no balançar do deque de madeira flutuante em meio ao ar fresco e marinho da tarde, que Julia e a filha compreenderam o apuro singular no qual se encontravam.

“Se a gente tivesse feito o que o papai queria, estaríamos em Madri!”, exclamou Julia, falando mais alto do que o barulho do motor e agarrando o braço de Charlotte, que estava envolto em um casaco acolchoado cujo tecido escorregadio resistia a seus dedos. “Quer saber o que eu acho? Acho que ele não queria que a gente se divertisse demais.”

Ela com frequência discutia o pai das crianças com elas naqueles termos. Era uma maneira de revelar para os filhos ou para si mesma o local de um ferimento que sofrera, de maneira mais ou menos voluntária, pelo bem de todos eles. Na privacidade de seu mundo maternal, Julia erguia as vestes e exibia a cicatriz, a costura de seu eu cortado onde ainda havia áreas dormentes, mas, mesmo assim, uma ternura imprevisível. Era verdade que ele sugerira que elas fossem a Madri. Não soube explicar o motivo da sugestão. Disse que achava que elas iam gostar da cidade, só isso. Julia jamais fora a Madri, mas a nódoa de sua disponibilidade lhe disse tudo o que ela precisava saber sobre o lugar. Havia diversas possibilidades: a primeira era que ele realmente não quisesse que elas se divertissem demais; a segunda – que não deixava de ter relação com a primeira – era que ele próprio quisesse ir a Veneza; e uma terceira – e mais desagradável possibilidade – é que ele tivesse razão.

“Você acha que ia ter gostado mais de Madri?” Julia agarrou o braço de Charlotte de novo e o agitou para cima e para baixo para protegê-lo do frio. O frio era imaginário – havia aquecimento no interior do barco –, mas a passividade física de Charlotte muitas vezes a deixava excitada daquela maneira.

“Não sei”, disse Charlotte. “Não sei como é lá. Depende.”

“Bom, eu acho que lá é muito interessante”, respondeu Julia, franzindo o cenho como se num esforço de excepcional sinceridade. “Acho que tem muitos museus, sabe, muitos lugares públicos, monumentos e tal. Acho que é um grande centro administrativo.”

Charlotte não disse nada.

“Já Veneza...” Julia fez um gesto na direção da janela, de onde se via a luz cor-de-rosa fortuita do crepúsculo sobre a lagoa. “Veneza é um lugar mágico, um lugar de conto de fadas. É único. É que nem voltar no tempo e visitar o passado. Sabia que não existe nenhum carro em Veneza? Nem unzinho!”

“Por que não?” Charlotte pareceu preocupada, como se a ausência de carros fosse desvantajosa e sinistra.

“Porque não tem nenhuma rua! Em vez de ruas, aqui tem os canais. Você lembra dos canais. Eu falei deles.”

“Não falou, não.”

“Falei sim, meu amor”, disse Julia severamente.

“É aqui?”, perguntou Charlotte após algum tempo, ficando atenta diante das vibrações árduas do motor que desligava devagar.

Uma grande muralha de construções de pedra, emitindo uma luz elétrica radiante, havia surgido silenciosamente de um dos lados do barco, a certa distância da água. As fachadas largas e inescrutáveis dos hotéis se enfileiravam por toda a margem. Em cima de um dos prédios, lia-se a palavra CAMPARI num outdoor alto.

“Olha, aqui tem carro, sim”, observou Charlotte.

Pequenos pares de faróis corriam na lateral, criando fachos de luz laranja no lusco-fusco. Havia trânsito na água também. Uma enorme barca verde-oliva passou devagar por elas, a caminho do mar. Metade das pessoas do barco se levantou e começou a se dirigir para a porta com suas malas e casacos. O condutor gritou algo.

“Aqui é o Lido”, disse Julia, com firmeza. “Não é Veneza ainda. O Lido é uma espécie de resort. Tem uma praia famosa.”

“Então por que todo mundo não vem para cá logo?", perguntou Charlotte, com aquele tom altivo e zombeteiro que a mãe detestava particularmente, porque ele era, sem dúvida, a área da vida na qual Charlotte mais se esforçava.

Julia ficou em silêncio quando o barco atravessou a lagoa escura na direção de Veneza e elas puderam ver a silhueta da cidade como uma coroa dourada sobre as águas negras. Ela continuou em silêncio quando elas passaram pelo Arsenal com suas massas compactas e sombrias de árvores e as primeiras pontes, que se pareciam com pequenas carrancas sobre os canais tortuosos. Seguiu em silêncio até quando elas deslizaram pelo espetáculo que, por suas leituras, ela adivinhou ser a Praça São Marco iluminada na escuridão, a abundância do Palácio do Doge e o domo dourado da basílica, sentindo que seria bom para Charlotte ter a oportunidade de ficar completamente embasbacada antes de a mãe decidir explicar mais coisas para ela. Grandes grupos de amarradouros de madeira surgiam de dentro d’água em todos os lugares e, entre eles, flutuavam gôndolas presas, a maioria coberta por lonas bem esticadas; uma proteção, imaginou Julia, contra a noite de janeiro, ou uma indicação de que aquela não era a temporada das gôndolas. A cena era ao mesmo tempo encantadora e levemente mórbida. O barco desacelerou, ficou algum tempo parado, e então encostou a lateral em uma pequena estação cinza e amarela iluminada com uma placa que dizia “S. Marco”.

“É aqui”, disse Julia num tom melancólico, como se elas houvessem chegado num lugar onde ela já tivesse vivido uma vida inteira, uma vida que recentemente tivera um final trágico. Ela se levantou do banco de plástico e atravessou o barco com sua mala. Após uma longa hesitação que Julia mais sentiu do que viu, Charlotte se levantou e foi atrás.

Uma amiga dissera para Julia que só havia um lugar possível para a estada delas em Veneza e, embora essa afirmação contivesse algumas das mesmas inferências de Madri – a sugestão de Julia estar num nível no qual as pessoas podiam tentar vender suas ideias –, ela havia ligado

e reservado um quarto lá. A amiga parecera surpresa por Julia ter conseguido um quarto. Em geral, disse ela, as pessoas tinham de fazer a reserva com meses de antecedência. A amiga concluiu que a explicação era a época do ano. Julia e Charlotte pegaram outro barco, um vaporetto, que era muito mais lento e se moveu pesadamente pelo Grande Canal com tamanha comoção que o entusiasmo de Julia reviveu como se houvesse levado uma sacudidela.

“A gente chegou!”, gritou ela, agarrando os ombros de Charlotte. E depois: “Este é o Grande Canal – um dos lugares mais famosos do mundo!”

“Não dá para ver direito”, observou Charlotte. “Está escuro demais.”

“Não se preocupe”, disse Julia, “a gente vai passar a vida indo para cima e para baixo aqui.”

“Vai?”

“Claro que vai. Por quê? Você estava pensando em só ficar no hotel durante três dias?”

Charlotte deu de ombros. “Sei lá.”

“Você pode fazer isso, se quiser”, disse a mãe dela. “Mas seria uma pena.”

“Mas eu não ia poder”, Charlotte logo disse, olhando a água escura e a silhueta absurdamente bonita de uma igreja pelas janelas embaçadas do barco flutuante. “Você não ia deixar.”

“Por que você ia querer?”, sorriu Julia. “Isso é uma coisa muito estranha de querer fazer em Veneza, não acha?”

Poucos meses antes, Charlotte certamente teria respondido que não tinha dito que queria. Mas, naquele momento, ela apenas virou a cabeça, fazendo a mãe ter uma sensação de perda, de escassez, que era a um só tempo perturbadora e corretiva. Julia imediatamente se deu conta dos olhos castanhos educados dos outros passageiros, para quem a natureza daquele diálogo parecia ser óbvia; e, por um instante,

imaginou que seus relacionamentos grosseiros a vestiam como roupas extravagantes. Certa vez, anos antes, quando estava passando férias com a família na França, ela vira uma mulher dar um tapa no rosto da filha, uma menina da idade que Charlotte tinha na época. A mulher era bonita; e a filha também, o que fez a cena adquirir uma certa dramaticidade.

"Água!", gritou Julia de novo, quando elas já tinham saído do vaporetto e estavam seguindo o mapa e se enveredando pelas ruas estreitas e sepulcrais a caminho do hotel. Ela correu pelo aclive de uma pontezinha e se postou em seu topo na escuridão, largando a mala para abrir os braços sobre o fiozinho frio e imóvel de um pequeno canal que passava por baixo, exalando odores. Esperava fazer Charlotte rir, e a filha obedeceu. "Água, água a toda volta!", exclamou Julia, e silhuetas encasacadas que atravessavam a ponte viraram a cabeça.

O homem da recepção no hotel ensinou para elas o caminho de uma tratoria que achou que poderia estar aberta naquela época do ano, embora não tivesse certeza. Se estiver, é bom sinal, disse o homem misteriosamente.

Três vezes durante a noite, Julia acordou com uma sensação de urgência física, que a cada vez, para sua surpresa, reconheceu como sendo uma sede tremenda. Todas as vezes, ela se levantou e atravessou com passos incertos a escuridão do quarto em meio às silhuetas sombrias dos móveis para acender a luz forte do pequeno banheiro e beber água. A cada volta, sem estar impelida por nenhuma necessidade, pôde observar Charlotte dormindo na outra cama e sentir um anseio por ela que a presença da filha em si não satisfazia; que, na verdade, ela intensificava, por ter suplantado a Charlotte na qual estavam as raízes do amor e do conhecimento de Julia. De manhã, Charlotte afirmou que também fizera inúmeras jornadas em busca de água, o que parecia incrível, já que Julia passara a noite alerta como uma sentinela, sem jamais perceber sequer um movimento da filha. Parecia que a noite de Charlotte havia ocorrido separadamente da de Julia, em algum universo paralelo e autônomo da fase pré-adulta. Na salinha de café da manhã que dava para o jardim, e onde trouxeram café e leite para Julia em pesadas jarras de prata em cujas laterais ela via

sua imagem distorcida, as Gibson examinaram os outros hóspedes disfarçadamente. Havia um senhor idoso e esguio com um rosto moreno cheio de rugas, usando um terno azul-marinho. Na mesa dele, estava sentado um rapaz que tinha uma expressão de polidez benigna e cujos cabelos escuros eram bem esticados para trás. Eles conversavam em inglês, ambos com sotaques fortes. Perto da janela havia um casal robusto de meia-idade que comia constantemente, sem dizer nada. Havia também uma família – dois adultos e duas crianças de cabelos luzidios – que sorria sem parar: sorriam uns para os outros e para todas as outras pessoas.

“Acho que a comida devia estar muito salgada”, disse Charlotte.

“É, talvez”, disse Julia. “Não sei.”

“Estava, sim. Eles devem ter colocado um monte de sal.”

“Por que você acha que aquele homem e o neto dele estão falando inglês, se nenhum dos dois é inglês?”

Charlotte lançou um olhar rápido para eles e deu de ombros.

“De repente, não é neto dele”, disse ela.

“E o que mais ele seria?”

“O que acontece se a gente come sal demais?”

Julia reparou que Charlotte prendera o cabelo num coque ao lado da orelha, o que o fazia parecer uma torneira saindo da lateral de sua cabeça. Ela estava usando um anelzinho turquesa numa corrente fina de prata ao redor do pescoço e uma pesada pulseira de metal que não parava de bater no relógio que Julia e David tinham lhe dado de presente. Em seus olhos grandes e imperturbáveis havia um rímel azul que tornava seus cílios frondosos. A preocupação com os efeitos danosos do sal visivelmente parecia estar quicando e ricocheteando nas paredes maleáveis da mente por trás daqueles olhos. Julia sentiu uma compreensão inédita que a invadia: o entendimento de que, naquele processo de diferenciar-se, de crescer, não era Charlotte quem partia, mas ela própria. Era Julia quem cada vez mais era culpada por gestos

de abandono, na questão da torneira, do rímel e da barriga de Charlotte, que ela gostava de manter exposta o tempo todo, de modo que aquela parte delicada e privada do corpo adquirira um caráter anônimo e público. Era Julia quem se ressentia dessa multiplicação nova e inesperada de suas responsabilidades. Ela tivera de aprender tanto para ensinar seus filhos a existir, e agora o currículo ia até o ponto em que seus próprios estudos haviam sido interrompidos; em que questões relacionadas ao eu, ao seu próprio eu, permaneciam negligenciadas e sem resposta. Julia já vira diversos exemplos de como outras mulheres tinham lidado com esse problema, e nenhum deles a encorajava.

“Eu acho que não faz muito bem”, respondeu ela. “Mas me sinto estranhamente purificada, e você?”

Para satisfação de Julia, Charlotte pareceu considerar com cuidado essa afirmação.

“Talvez”, disse ela, assentindo.

Elas foram à enorme galeria de arte pública que ficava convenientemente próxima do hotel, onde Julia se flagrou sendo ora econômica, ora pedagógica em seus discursos sobre as glórias da pintura italiana. Quando era estudante, ela passara um semestre em Florença estudando arte, e ainda havia um pulso fraco naquela veia longa e afilada; além disso, sempre fora aceito pela família, aparentemente sem esforço, não apenas que a arte era um de seus interesses, mas que era de fato algo importante, o que a levou a se perguntar que outras coisas poderia ter incorporado na composição das personalidades emergentes de seus filhos e até que ponto isso teria sido um processo indolor. Havia um número considerável de pessoas na galeria, que era como uma sombra criada pelas enormes multidões da alta temporada. Julia e Charlotte encontraram os Bellini centrais e três quadros de Giorgione antes de se aterem apenas às duas salas onde estavam sendo exibidas as obras de Tintoretto e Veronese.

“Nós não estamos de brincadeira”, disse Julia. “Estamos indo direto ao ponto.”

“A gente não devia olhar tudo?”, perguntou Charlotte quando elas

passaram por paredes inteiras às quais a mãe não lançou nem um olhar.

Eu não posso, quis dizer Julia. O que ela não podia fazer – não mais – era desperdiçar tempo com aquilo que era meramente exploratório ou reflexivo; não podia se perder no tecido conjuntivo, nos caules e folhas. Já conhecia bem demais aquele lado da vida. Queria apenas as flores enormes, o ouro, não por ser vaidosa ou insensível, mas porque havia desolação em seu coração – assim como fúria. Era uma paisagem enegrecida pelas necessidades dos outros, nas qual Julia aprendera muito acerca da sobrevivência; uma espécie de terreno vulcânico onde os sentimentos surgiam em grandes explosões de emoções quentes e violentas. Era isso que parecia, às vezes. Com frequência, ela se sentia muito nobre, embora isso também a fizesse desprezar todos os níveis de esforço humano, com exceção de um.

Havia uma mostra de Carpaccio onde Charlotte se interessou por um quadro chamado Il Sogno di Orsola e Julia foi atraída por outro que fazia parte de uma série retratando a vida de Maria. O quadro mostrava um cômodo numa casa onde diversas mulheres estavam ocupadas com tarefas domésticas. Um bebê – Maria – tinha acabado de nascer, e sua mãe estava deitada na cama, apoiada sobre o cotovelo, olhando a cena com uma expressão no rosto que Julia reconheceu – a expressão de alguém que deixou o próprio corpo e voltou diferente para ele. O quadro de Charlotte era muito lindo. Santa Úrsula tinha cabelos louros e estava muito imóvel e esticada em sua caminha branca bem arrumada, naquele quarto que era tudo que se podia desejar de um quarto, enquanto um belo anjo jovem velava seu sono. Mais tarde, na loja da galeria, Charlotte comprou um marcador de livro com a imagem do anjo.

Elas caminharam pelo labirinto da cidade à luz gelada, perfeita e cor-de-rosa do sol e se depararam com o encanto de seus canais e pontes, suas praças inesperadas, becos silenciosos e igrejas escondidas, sua atmosfera de decadência monitorada e autoconhecimento, e Julia viu que a manga do casaco de Charlotte estava menos escorregadia quando ela o agarrava, de modo que sua conversa ficou mais calorosa e se encaixava facilmente no cenário adequado do passado; e, durante algum tempo, toda aquela beleza distraiu Julia e a fez parar de pensar em sua sensação furtiva de feiura

até começar a transformá-la também, de modo que quando ela viu o próprio reflexo nas vitrines da lojinha, viu possibilidades e até enigmas ali e, à noite, quando elas voltaram de seu restaurante e encontraram o senhor elegante e o menino na escada, o velho recuou, fez uma mesura cordial e disse “buona sera” e o menino sorriu como se estivesse satisfeito.

De manhã, havia pessoas novas na salinha de café: um inglês alto de vinte e poucos anos, gordo e lustroso como um lírio de florista, usando um par de óculos de aro preto severamente na moda e calças de veludo amarelo-prímula, que zanzava, afetado, pegando coisas para seu acompanhante, um homenzinho careca muito idoso com um terno de tweed. A família sorridente sorriu para Julia e Charlotte com a intensidade de conhecidos que se reencontravam. Charlotte disse que, de novo, tinha levantado várias vezes para beber água. Julia tinha enchido uma garrafa e colocado do lado de sua cama e, ao longo da noite, bebera até a última gota.

“Sorte sua”, disse Charlotte. “Eu tive que levantar todas as vezes.”

“Você pode ficar com ela esta noite.”

“Eu devo ter me levantado umas seis vezes.”

“Eu encho para você e você fica com ela do seu lado na cama.”

Julia disse que achava que elas podiam dedicar o dia a Tintoretto, que passara a vida em Veneza e cujas obras estavam espalhadas pela cidade inteira. Na Scuola di San Rocco havia um salão enorme onde ele tinha pintado toda a vida de Cristo nas paredes e no teto. Os olhos baixos de Charlotte se arregalaram, voltados para o prato.

“Você não quer fazer isso?”, perguntou Julia.

Silêncio.

“É que a gente viu quadros ontem”, respondeu Charlotte, após algum tempo. “Achei que hoje íamos fazer outra coisa.”

“Tipo o quê?”

“Sei lá. Ir a algumas lojas, alguma coisa assim.”

As amigas de Julia acreditavam, com muito mais força do que ela própria, que o mundo era um lugar terrível e perigoso onde a chance de realizar os desejos dos seus filhos era uma espécie de abrigo moral, ou talvez meramente emocional. Pobre Charlotte, teriam dito essas amigas, rindo.

“Nós não viemos a Veneza para fazer compras”, disse Julia.

Ela percebeu no mesmo instante que queria envergonhar Charlotte, e também que Charlotte não estava envergonhada.

“As lojas são parte da cidade, assim como as outras coisas.”

“Assim como as coisas que estão aqui há cinco séculos?”

“É!”, exclamou Charlotte, jogando a cabeça para o lado com um ar desafiador. “Uma coisa não é automaticamente boa só porque é velha ou porque é um quadro de um homem.”

Enquanto observava O massacre dos inocentes, de Tintoretto, Julia confirmou sua crença de que mundo não estava mais perigoso ou terrível do que jamais fora. O edifício era taciturno e frio como um túmulo. Pesava sobre ele uma atmosfera de desencorajamento que intensificava a descoberta dos quadros, tumultuosos de vida, que cobriam todas as paredes e tetos em dois andares. Charlotte ficou encolhida numa cadeira, sem tirar o casaco, nem olhar para nada. Julia demorou-se bastante, tão efervescente de autossatisfação, tão vasta e ansiosa como se estivesse sendo engordada para alguma coisa, mas o que seria? Os corpos das mulheres eram tão gigantescos que pareciam quase incapacitados pelo próprio saber congelado. Tintoretto tinha um jeito de pintar seus ombros carnudos um pouco virados e as cabeças inclinadas para um lado, como se elas estivessem perenemente reagindo a algum chamado à atenção. Em resposta, uma grandeza despertou no seio de Julia. Ela olhou os corpos estraçalhados das crianças mortas, os pezinhos, os braços rechonchudos caídos, os cachos macios nas cabeças. Amara tanto seus filhos; e agora parecia

que aquele amor era uma grande despesa que ela continuava a pagar à prestação, uma única e cada vez mais remota extravagância. Mas a questão é que, no começo, ela não adivinhara até que ponto sua sinceridade seria testada. Julia era como uma atriz numa peça que estava em cartaz há muito tempo, que todas as noites precisava repetir o mesmo drama e sentir a mesma exaustão depois: o fato de a repetição continuar a cansá-la é que era tão espantoso. Sentir uma onda melancólica e líquida de empatia diante das cabecinhas, mãozinhas e pezinhos deles – esse era seu único truque. Por outro lado, às vezes, David a fazia chorar quando eles tinham uma discussão e era como se um evento hidráulico ancestral estivesse ocorrendo nas entranhas de uma casa velha e enorme; uma pausa longa, trovejante e catastrófica depois de a torneira ter sido aberta, ao fim da qual um fiozinho de água marrom corrosiva surgia com dificuldade.

Numa loja perto da Rialto, Julia comprou para Charlotte um golfinho de vidro roxo, pelo qual ela afirmara estar encantada. Na rua cheia de gente, em meio aos tons cor-de-rosa e azuis do crepúsculo, ao lado do canal enorme, pálido e frio onde os vaporetti formavam sulcos na água como na superfície do leite, o desentendimento delas se abrandou, se transformando numa série de transações silenciosas e reconfortantes; como se houvesse sido realizada alguma operação desagradável, porém necessária, da qual ambas estavam se recuperando. Julia havia se preparado para uma exigência muito maior da parte do gosto de Charlotte, mas a escolha do golfinho parecia ser quase um apelo pela compaixão da mãe, ou mesmo uma reação às expectativas dela. Como uma menina que desejava um golfinho roxo poderia ser considerada culpada de alguma coisa? Julia comprou para ela um saquinho de chocolates e um leque espanhol com a Praça São Marco estampada e, numa lojinha em uma rua transversal, repleta de objetos, elas passaram uma hora olhando máscaras venezianas enquanto lá fora a escuridão tomava a cidade, como se esta ficasse no fundo de um poço. A loja era quente, empoeirada e com fortes luzes elétricas. Tinha cheiro de madeira e tinta. A jovem italiana atrás do balcão disse para elas que, no passado, as venezianas não usavam máscaras apenas no Carnaval, mas como uma ferramenta cotidiana de mistificação. Charlotte colocou uma na frente do rosto. Tinha plumas cor-de-rosa e semicírculos de

lantejoulas ao redor dos olhos.

“O que você acha?”, perguntou ela.

Charlotte se virou para se olhar no espelho. Não indagou por que as mulheres queriam se disfarçar: Julia se perguntou se ela sabia, ou se achava que sabia. Ela viu a filha subitamente varada pelo desejo não de ver ou de saber, mas de tomar; de tomar posse da vida onde quer que os vaticínios leves como plumas de seu instinto de jovem lhe dissessem que a vida se encontrava.

“Muito misteriosa!”, exclamou a mulher, rindo, como se não estivesse nem um pouco cansada de pessoas fazendo exatamente o que Charlotte tinha acabado de fazer em sua loja.

Charlotte voltou sua plumagem exótica e cruel para a mãe.

“Você me dá?”

“Melhor não”, disse Julia, revirando os olhos com uma expressão divertida para a mulher.

“Por que não?”

“Porque eu acho que você nunca vai usar.”

“Vou, sim!”

“E porque eu já comprei coisas demais”, disse Julia, revirando os olhos de novo.

Charlotte se virou e se olhou no espelho mais uma vez.

“Então, eu mesma compro”, disse, falando com o próprio reflexo.

Julia fechou o casaco e foi olhar uma vitrine de máscaras que estava mais perto da porta.

“Vamos, meu amor”, disse. “Está tarde. Aposto que a senhora quer fechar a loja.”

A mulher fez um gesto sorridente para os céus, como se não tivesse

o poder de decidir querer tal coisa.

“Eu pago do meu dinheiro. Você me dá o dinheiro, que eu te pago.”

“Eu não tenho nenhum dinheiro”, respondeu Julia benignamente.

“Tem, sim!”

“Não tenho, não. Gastei tudo.”

“E o dinheiro que você ia gastar com o jantar?”, perguntou Charlotte imperiosamente por detrás da máscara.

Fez-se uma pausa.

“Vamos embora, que a gente conversa”, disse Julia, com ênfase. “Qualquer coisa, voltamos amanhã.”

“Amanhã, não”, atalhou a mulher. “Amanhã, a loja fecha.”

“Está vendo? Amanhã, a loja fecha. A gente tem que fazer isso agora.”

Elas três se entreolharam.

“Charlotte”, disse Julia. “Eu estou indo embora.”

Ela colocou a mão na maçaneta de metal. A mulher se virou de costas e se ocupou com alguma coisa atrás do balcão. Julia abriu a porta e deixou entrar uma lufada de ar frio e, quando Charlotte não veio, tanto por consideração quanto por raiva, ela saiu da loja e fechou a porta atrás de si. Parada ali, em meio à escuridão do pequeno beco de pedra, Julia observou a cena iluminada da vitrine, com sua filha e a mulher de pé lá dentro como atrizes num palco. Charlotte deixou que a mão que segurava a máscara pendesse vagarosamente. Com a cabeça baixa, ela recolocou-a na prateleira. A mulher agora estava postada com os braços cruzados, olhando de soslaio para algo através da vitrine. Ela assentiu quando Charlotte passou e, do outro lado do vidro, Julia ouviu-a dizer “arrivederci”.

“Desculpe”, disse Julia, que não se sentia nem um pouco culpada,

quando Charlotte chegou lá fora.

“Me deixa em paz”, disse Charlotte, cruzando os braços e andando na frente.

Mais tarde, Julia se sentiu culpada sim: flagrou-se sucumbindo à teoria de que o mundo era mesmo um lugar terrível e perigoso e, entre suas múltiplas contusões, ela quisera esmagar as noções incipientes de beleza da filha. Eles não deveriam todos se unir e ser o mais gentis possível? No vaporetto, com Charlotte emburrada e suspirosa no assento ao lado, Julia percebeu que estavam sendo avaliadas por uma menina sentada de frente para elas, uma menina que vestia um casaco imaculado de lã branca e botas de salto alto e que Julia adivinhou ter uma idade que ficava exatamente entre a dela e a de Charlotte, como se a menina fosse a peça que faltava no jogo e isso pudesse explicar por que as fitava com tanta intensidade. Ela as olhou com seus olhos grandes e límpidos. Seus lábios carnudos e brilhantes estavam imóveis. Quanto mais ela as observava, mais Julia sentia sua perplexidade. A menina pareceu achar Julia e Charlotte inexplicavelmente sórdidas. Uma névoa densa e pálida se espalhara de repente sobre o canal e, pela janela, Julia viu os bicos pretos das gôndolas presas subindo e descendo na água em meio à luz mortiça. A agitação delas era perturbadora: era vagamente lunático, aquele seu balanço interior. O ar branco cerrou-se ao redor delas.

“Hoje, você escolhe o que a gente vai fazer”, disse Julia na manhã seguinte – a última – durante o café. “O voo é só às cinco. Vamos fazer o que você quiser.”

“Ok”, disse Charlotte. Ela pareceu apenas levemente surpresa. Empertigou-se na cadeira e olhou ao redor com uma aura de eleita.

“Eu bebi tanta água que acho que ela levou minha alma embora”, acrescentou Julia.

“Isso é bom?”, perguntou Charlotte.

O que Julia gostava nas crianças era a maneira como elas começavam onde você terminava, como corredores esperando pelo

bastão na pista, com a mão esticada. Elas pegavam – pegavam aquilo que era irredutível e final, aquilo que resistia a todas as mudanças e estorços de compreensão – e saíam correndo; com suas pernas compridas, fugiam em disparada do seu fracasso, sua satisfação ou sua incansável ambivalência, e deixavam você para que se desdobrasse, para que encontrasse seu próprio nível de novo.

“Acho que definitivamente é”, disse Julia.

Elas encontraram uma pintura numa igreja perto da casa de Tintoretto que mostrava a jovem Maria sendo apresentada no templo. Ela era uma criancinha dourada, uma menina, subindo uma enorme escada de pedra arredondada em meio a um facho de luz. As mulheres largas e contorcidas estavam ali de novo: Maria caminhara por entre elas, entre os espaços onde estavam sentadas ou de pé na escada. No topo, um homem de barba com trajes de clérigo dominava a cena, aguardando com uma expressão temível, julgadora. As mulheres se viravam e olhavam para Maria conforme ela passava. Elas a admiravam e sentiam medo por ela. Estavam vendo algo novo.